

EXPERIÊNCIA E PENSAMENTO EM FILOSOFIA COM CRIANÇAS: O LUGAR DO DOCENTE

Joabe Lucas de Oliveira Diniz

Estudante do Curso de Licenciatura em Filosofia/UERN, Campus Caicó. Bolsista Voluntário do Projeto de Extensão “Filosofia com crianças e jovens: experiências de formação e pensamento na escola de educação básica”/UERN.

Maria Reilta Dantas Cirino

(Professora Adjunta IV, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Curso de Licenciatura em Filosofia e do Mestrado Profissional em Ensino de Filosofia – PROF- FILO (Polo Caicó-UERN). E-mail: mariareilta@hotmail.com)

RESUMO

Esse artigo nasce da experiência de estudos e práticas como bolsista do projeto de extensão e como membro voluntário do projeto de pesquisa PIBIC/CNPq, etapa 2017-2018/UERN, os quais têm como objetivo aprofundar estudos teóricos e práticos acerca da prática de filosofia para/com crianças. Temos tido a oportunidade de acompanhar as experiências de pensamento com crianças e em alguns momentos também intervir junto às mesmas. Como se dá a formação de docentes para atuar com crianças? Iremos dialogar a partir dos fundamentos teóricos de Lipman; Sarp; Oscanyan (2001), Kohan; Olarieta (2012) e Cirino (2016). Foi possível perceber que a aproximação aos textos filosóficos, a experiência de participar do exercício de pensar a prática, tem se constituído em prática formativa.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente. Experiência de pensamento. Crianças.

INTRODUÇÃO

A filosofia para crianças foi elaborada pelo filósofo Matthew Lipman, esse estruturou uma teoria e uma prática com inspiração socrática e em John Dewey. Tal proposta se expandiu por vários países do mundo e especialmente no Brasil, através dos trabalhos de Walter Omar Kohan. Esse artigo nasce da experiência de estudos e práticas como bolsista do projeto de extensão. A partir dessa experiência temos indagado: como se dá a formação de docentes para atuar com crianças? Buscaremos compreendê-la a partir dos fundamentos teóricos Lipman; Sarp; Oscanyan (2001), Kohan; Olarieta (2012) e Cirino (2016).

Ao relatarmos sobre o Programa de Filosofia para Crianças – PFpC criado por Lipman e continuado numa outra perspectiva por Kohan em vários países do mundo, daremos especial ênfase à formação dos docentes para atuar junto às crianças. Como essa formação é proposta no pensamento desses autores? Utilizaremos como metodologia a pesquisa bibliográfica, a observação, gravação em áudio e transcrição das experiências de pensamento realizadas dentro do Projeto de Extensão “Filosofia com crianças e jovens”, ofertado pelo Curso de Filosofia de Caicó, junto à Escola Municipal Maria

Leonor Cavalcante, na perspectiva de que possamos refletir sobre a intervenção do professor na atuação em filosofia com crianças.

1 MATTHEW LIPMAN E O PROGRAMA DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS – PFpC

O Programa de Filosofia para Crianças – FpC criado por Lipman inspira-se, especialmente, de acordo com Kohan (2008) na prática socrática e no Pragmatismo de John Dewey. Lipman partia do princípio que a filosofia era algo que se podia levar até às crianças, por isso sua denominação de “para” crianças. Nesse sentido construiu uma teoria, pensou e colocou em prática um currículo próprio composto por 11 (onze) Novelas Filosóficas as quais envolvem personagens adultos e infantis próximos às crianças com as quais se vai trabalhar; uma metodologia denominada de Comunidades de Investigação¹, a qual consiste em transformar as salas de aula em um espaço de busca e exercício do pensar através do desenvolvimento de habilidades de pensar, tais como: de investigação, habilidades de raciocínio, de organização da informação e habilidades de tradução (diálogo). Também Lipman considerava que a para atuar em FpC necessitava que o professor tivesse uma formação específica. Essa acontecia, de acordo com Cirino (2016, p. 85. Grifos da autora) através de quatro estágios formativos:

O primeiro estágio formativo refere-se à formação de uma equipe de professores\os formadores\as, os quais irão preparar os\as\ futuros\ as professoras\as para atuarem junto às crianças. Esses\as são chamados\as de monitores\ as, necessitam ter um ‘[...] sólido conhecimento filosófico’[...] (LIPMAN, 1990, p. 176). O estágio dos monitores\as-formadores\as dura de dez a quatorze dias nos quais esses\ as conhece o currículo tiram dúvidas e tem uma experiência Direta com as crianças’ ‘[...] para estabelecer a credibilidade junto aos professores’. (LIPMAN, 1990. p. 177); o segundo estágio, é a exploração do currículo no qual é utilizada a mesma metodologia a qual o\ a professor\ a trabalhar com as crianças. Organize esses grupos por nível, tais como professores\as do quinto e sexto ano do terceiro e quarto. Sempre que possível possibilitasse estratégias que possam oferecer o conhecimento do currículo como um todo, para além do ano em que o\ a professor\ a atuará, pois se acredita que ‘Quanto mais os\os professores\as estiverem

¹ De acordo com Cirino (2016) a comunidade de investigação que Lipman adota como metodologia em sua Proposta de Filosofia para Crianças, é inspirada nos escritos de Charles Pierce, caracterizando-se pelo início da dúvida e da não existência de respostas concretas, pois trata-se de um processo de descobertas. Nesse sentido, o pressuposto adotado por Lipman é a dúvida que logo de início leva ao exercício do pensar e da construção da argumentação, através de conceitos filosóficos presentes nos episódios de suas novelas filosóficas.

inteirados do currículo todo, mas perspicácia terão para abordar qualquer parte dele'. (LIPMAN 1990, p. 177). No terceiro estágio que é a etapa denominada de modelação os\os monitores\as nas salas de aula dos\os professores\as em formação realizam sessões modeladoras, ou seja, demonstram na prática, como desenvolver uma aula de filosofia com crianças. Já o último estágio, que se refere ao período de observação, ocorre após seis semanas de execução da proposta junto às crianças. Os\os professores\as monitores\as retornam às salas dos\as professores\as em formação e mediante critério avaliativo analisam os progressos e prestam esclarecimentos.

Assim ocorria a formação dentro da proposta de FpC de Lipman. Essa era ofertada junto ao Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças – CBFpC, a qual foi no decorrer do processo histórico recebendo algumas críticas por restringir o acesso ao público que podia custear tal formação, bem como, de acordo com Kohan (2008) acabava por não promover de fato a inserção da filosofia aos espaços públicos.

2 WALTER OMAR KOHAN E A FILOSOFIA COM CRIANÇAS

Walter Omar Kohan foi orientando de Lipman. Por muitos anos participou e realizou a prática de filosofia para crianças criada por Lipman, como por exemplo na Universidade de Brasília. Contudo, a partir de 2000, inicia-se um processo de mudanças no sentido de questionamentos sobre a prática de filosofia para crianças realizada até ali. O professor Kohan (2008) acaba por identificar alguns desafios dessa proposta teóricos e práticos, são eles: desafios teóricos, no sentido que a proposta se fundamenta nos aspectos centrais para o desenvolvimento do pensar através da lógica, Kohan (2008) aponta como sendo a dimensão política a mais importante área da filosofia em vista ao seu papel em contribuir com a transformação social; desafios metodológicos, em vista da necessidade da ativa e crítica relação entre o sujeito e o raciocínio filosófico, assim: “[...] crianças e professores devem participar da criação ou eleição dos materiais de sua prática.” (Idem, p. 106); e políticos institucionais, tal prática se efetiva sem eleger como prioridade sua inserção na rede pública de ensino, “[...] permitindo sua privatização e elitização.” (Idem, p. 107).

Alguns dos desdobramentos da FpC são publicados por Kohan; Olarieta (2012), no qual apresentam as práticas de filosofia com crianças em desenvolvimento na escola pública no município de Duque de Caxias/RJ, apontam que tal prática tem como campo principal desde o ano de 2007, o Projeto de Filosofia com crianças: *Em Caxias, a filosofia en-caixa?*, em desenvolvimento até os dias atuais através do Núcleo de Estudos Filosofias

e Infâncias – NEFI², ligado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. O referido projeto realiza atividades diárias com crianças e jovens em duas escolas do município de Duque de Caxias/RJ. Os docentes que se envolvem com as experiências de pensamento com as crianças passam por um período de formação específica a cada dois anos e no processo de inter-relação com a prática filosófica, bem como as oportunidades que são criadas, através do referido projeto, entre Universidade e Escola de Educação Básica vão constituindo-se em processo formativo.

Especificamente, para guiar a ação do docente, Kohan; Olarieta (2012), publicam alguns subsídios para inspirar os professores na composição de uma experiência de prática filosófica. Chamam à atenção de que esses passos não são métodos nem tampouco uma receita a ser seguida, mas que eles nascem da própria prática da experiência com crianças no município de Duque de Caxias/RJ, os quais vão sendo cotidianamente alterados pela dinâmica e movimento que acontece entre as crianças e os adultos no espaço da filosofia. São eles: Uma disposição inicial, que se refere a criar as condições para gerar uma relação afetiva favorável à vivência e convivência no espaço coletivo; vivência de um texto: a escolha do texto deve afetar o próprio docente, que ele – o texto – tenha potência para incitar o pensamento das crianças; problematização de um texto; esta parte procura instigar perguntas, busca fazer surgir as afetações provocadas pelo texto; escolha de uma questão: o objetivo desta parte é determinar junto às crianças que pergunta é mais pertinente para a discussão e exploração pelo grupo; diálogo: é o ápice da experiência filosófica, dele participam todos os envolvidos que colocam suas reflexões acerca do texto exposto; para continuar pensando: esta parte é a suspensão da experiência filosófica mais que possibilita novos começos, se avalia o processo, se recupera o que foi possível pensar até ali e poderá seguir pensando individual ou coletivamente. (KOHAN; OLARIETA, 2012).

3 O LUGAR DO DOCENTE: COMUNIDADES DE INVESTIGAÇÃO E COMPOSIÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA DE PENSAMENTO E PRÁTICA FILOSÓFICA

Como exposto acima, visto que Lipman propõe na FpC que a mediação docente ocorre dentro das comunidades de investigação através do exercício do respeito, da

² Para maiores esclarecimentos, acessar: www.filoeduc.org

combinação de regras nas quais as crianças desenvolvem habilidades de raciocínio, sendo elas: habilidades de investigação, habilidades de raciocínio, de organização da informação e habilidades de tradução (diálogo) para um pensar cada vez mais crítico, cuidadoso e criativo e por Lipman acreditar que o pensar é uma capacidade inerente ao ser humano que pode ir sendo aperfeiçoada, mediante a postura filosófica, as crianças, exercitam seus pensamentos através do exame constante e coerente, bem como a formação do professor ocorre em estágios formativos seguindo a mesma metodologia que os docentes utilizarão com as crianças. Já na FcC, desenvolvida por Kohan, a formação acontece através de encontros de formação oferecidos pelo NEFI a cada dois anos e no movimento integral da prática de FcC nas escolas envolvidas no projeto *Em Caxias, a filosofia en-caixa?*, como também na inter-relação escola e universidade, a qual tem gerado a continuidade da formação dos professores envolvidos, inclusive com o retorno à universidade em programas de pós-graduação.

Especificamente sobre a formação de professores, Kohan; Olarieta; Wozniak (2012, p. 170), lançam aos pesquisadores brasileiros e de vários países do mundo a seguinte pergunta: “Como pensar a formação docente para filosofar com crianças?” Vejamos alguns dos posicionamentos acerca dessa questão nas diferentes realidades pesquisadas pelos autores:

No NEFI/UERJ, como já dito anteriormente, a formação ocorre, especialmente na interrelação entre a escola de educação básica e a universidade:

[...] quando embarcamos na experiência de pensar, nossa preparação e a preparação das professoras poderia ser pensada basicamente como um processo de sensibilização, como um exercício sobre tornar-nos sensíveis ao movimento, à complexidade do mundo que exige um tipo de trabalho que se assemelha mais ao trabalho do poeta, do pintor que ao do técnico, que não atua guiado por uma ‘atenção’ no aperfeiçoamento de formas preestabelecidas [...] formar suporia ajudar a ‘des-aprender’ hábitos típicos do fazer do professor que inibem a experiência no pensamento e estranhar o que esse fazer incorporou de típico ou normal. (KOHAN; OLARIETA; WOZNIK, 2012, p. 176. Grifos do autor).

Já na atividade desenvolvida nas prisões em Nápoles, na Itália, o filósofo Guiseppe Ferraro chama a atenção para uma *condição infantil* necessária ao contexto de formação docente que provoca um processo artesanal de formação:

[..] é preciso estar na condição das crianças para ensinar com filosofia às crianças. E as crianças quando narram inventam histórias que não sabem onde terminam. [...] a filosofia reclama uma formação que é bem diversa das imagens dos instrumentos de aprendizagem. Pode-se afirmar que não se pode ensinar filosofia, mas se pode, no entanto, ensinar com filosofia. A formação dos docentes assume agora o caráter próprio da aprendizagem, como acontece na oficina de artesanato. (Idem, p. 190 a 191. Grifos do autor).

Percebemos que os autores apontam aspectos que se aproximam e se diferenciam quando relatam sobre as estratégias formativas que ocorrem e como eles a percebem em suas práticas formativas e encontram significados a partir do contexto em que se insere esse movimento formativo, como aponta a fala da professora Juliana Merçon, no México: “[..] **formação**: a formação para o filosofar ocorre através do próprio filosofar: vai formando na mesma medida em que vai transformando os jeitos que conformam nossas formas de pensar, sentir, relacionar, ser ou estar.” (KOHAN; OLARIETA; WOZNIK, 2012, p. 176. Grifo dos autores.).

O professor Marcos Lorieri, em São Paulo, chama a atenção para a postura do filosofar docente como pertinente ao ato de ensinar filosofia e de formar-se para o filosofar: “[...] quem não filosofa, não é capaz de ser um bom professor de filosofia. [...] penso que ser possível preparar bons professores, com percursos bem pensados de formação, mesmo que não tenha formação específica em cursos de filosofia. [...]. (Idem, p. 216 - 217).

Enquanto que na realidade da prática filosófica com imigrantes vivenciada em Portugal pela professora Rita Pedro, a pergunta torna-se texto, o acompanhamento, o deslocamento até à escola de educação básica, a orientação também é caminho formativo:

Apresento citações e textos de filósofos ou estudos que possam ajudar a refletir sobre as relações entre infância, Filosofia e Educação. Dinamização de sessões práticas de Filosofia entre formandos, com base, seja em perguntas colocadas pelas crianças, textos escritos por elas [...] a deslocação às escolas é fundamental para uma coorientação das sessões dirigidas ao seu grupo de alunos para poder acompanhar o professor na sua experiência [...] o trabalho com o professor pode se dar-se em vários níveis dependendo da sua capacidade de entrega e seu desejo de fazer filosofia. (KOHAN; OLARIETA; WOZNIK, 2012, p. 226).

Por fim, o trabalho desenvolvido pela professora Laura Agratti, na Argentina, chama a atenção para a construção de um espaço coletivo de igualdade na qual todos podem pensar e construir algo comum: “[...] para tudo o que vimos sustentando, a formação docente para filosofia com crianças não pode ser senão na prática. [...] os docentes se sentam transformados por uma

prática coletiva de formação na qual a suspensão provisória do juízo tem mais entidades que uma frase contundente. (Idem, p. 235)”.

Entre esses autores acima citados se destaca a experiência, como a essência para a formação do docente em filosofia com crianças, ela se dá na interrelação entre a universidade e a escola, mediada por estudos teóricos e práticos, espaços para pensar o pensar e sobre a atividade do pensar vivenciada. Assim, no convívio com as crianças, o docente é afetado de tal forma que eleva a sua capacidade de lidar com as práticas do dia-dia de um professor que amplia suas visões e suas possibilidades de perspectivas de mundo, causando impactos no seu modo de pensar sua relação com a escola, com a filosofia e o ensino de filosofia.

Visto que a prática de filosofia com crianças ainda é tachada como um projeto marginalizado no ambiente de ensino de filosofia, pois os professores, na academia são doutrinados a seguir determinadas metodologias de ensino, estigmatizando possibilidades de surgimento de algo novo, engessam o olhar e mantém uma prática metodológica voltada ao exercício tradicional de ensinar filosofia na universidade e na escola de educação básica. Vejamos no fragmento abaixo, por ocasião de uma das experiências de pensamento vivenciadas no Projeto de Extensão, na Escola Municipal Maria Leonor Cavalcanti, quando é perceptível que a intervenção sensível do docente pode oportunizar e potencializar o pensar infantil levando as crianças a pensarem sobre situações significativas de seu cotidiano, as quais não tinham ainda pensado:

Profa.: [...]: Ok!! Então a gente vai entregar para vocês um papel para vocês desenharem alguma coisa assim que tenha a ver com isso que conversamos, ok? Qualquer coisa, pode ser os passarinhos, cavalo...

Criança: Tia, eu vou desenhar o meu porco!!!

Profa.: Porque Maria Clara, o seu porco, ele está solto?

Maria Clara: Porque não tem gaiola.

Criança 08: Eu vou desejar um porco e um cachorro.

(Profa. observa o desenho da criança e pergunta):

Profa.: Porque você desenhou o cachorro solto e o porco preso?

Criança 08: Se não ele não morrer, fica solto (diz a criança apontando para o porco, o qual estava “preso”).

Criança 09: Eu desenhei o meu rato. (A criança desenha o rato na gaiola e mostra para a professora, a qual pergunta):

Profa.: Por que ele está na gaiola?

Criança 09: Ele foge se ficar solto!

Profa.: Mas, Dandara, será que seu ratinho gosta de ficar preso?

Criança 09: Eu “tiro ele” para passear...

Profa.: Você viu na história como o cavalo ficou feliz quando a menina “soltou ele”?

Criança 09: Mas, ele não PODE!! Eu dou comida a ele!!!

(As crianças estão muito envolvidas desenhando).

Criança 10: Eu desenhei meu primo e eu. Veja tia ...

Profa.: Muito bem, deixe eu ver!! E vocês estão presos ou soltos?

Criança 10: Estamos soltos ... Mas, agora ele tá preso ...

A perspectiva de intervenção através das experiências de pensamento proposta pelo professor Walter Kohan aponta um novo olhar para a FcC, se afastando daquele currículo já pronto, como propõe a FpC de Matthew Lipman. Embora se mantenham, na prática, alguns princípios das Comunidades de Investigação de Lipman, abrem-se novas possibilidades, potentes e significativas de práticas de FcC e de formação docente. Com o rompimento das metodologias de ensino já prontas, cria-se a capacidade de nascimento de um novo olhar para a filosofia na universidade e na escola de educação básica, saindo de doutrinas impostas pela academia, o docente tem, nas experiências de pensamento a possibilidade de uma experiência axiomática e única com as crianças, que muda o seu modo de pensar o mundo e consigo mesmo. Tal como afirmado por Gomes (2012, p. 55) ao fazer referência às atividades do projeto FcC por ela denominados de “experiências filosóficas”: “Estamos sempre nos enfrentando com exercício de pensar o impensável e somos afetadas por uma nova prática, pois ao prepararmos-nos para fazer filosofia somos conduzidas a pensar em questões menos didáticas e mais filosóficas.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia não pode ser só uma história da filosofia, ela é o novo, deve inspirar o surgimento do novo, traz consigo o olhar de espanto, de pensar de outras maneiras. A formação do professor para atuar em FcC vai depender muito do perfil do/a docente e da experiência que ele/a vai ter com crianças. Ela, a experiência, é única e afeta cada um/a de forma diferente. A experiência vivenciada por cada docente será singular, tendo a possibilidade de ser formativa e transformadora de sua relação com a prática de ensinar e aprender na universidade e na escola de educação básica.

Com as crianças estamos vivendo o que tem de mais precioso que é a infância, compreendida como inícios, recomeços, novas maneiras de aprender e de ensinar, quebrando antigos preconceitos, vivendo experiências de pensamento únicas, esse novo jeito de fazer filosofia, de aprender e ensinar na universidade e na escola de educação básica, sem modelos já prontos e pré-definidos de ensinar e aprender filosofia e outras áreas.

Portanto, a aproximação aos textos filosóficos com os fundamentos teóricos que embasam a possibilidade de realizar a prática de filosofia para/com crianças, a experiência de participar do exercício de pensar a prática, vivencia-la junto às crianças e voltar ao grupo de extensão para juntos pensarmos sobre o que realizamos, tem se constituído em prática formativa ampliando a formação proposta por Lipman nas Comunidades de Investigação, reiterando, como demonstrado através da prática de FcC, coordenada por Kohan, na qual a formação ocorre, especialmente pela busca de uma *condição infantil*, no sentido de abertura e de risco, atenção ao outro, uma prática formativa pelo viés da experiência, a qual vem acontecendo, de diferentes maneiras como demonstrado acima, em vários lugares do mundo.

REFERÊNCIAS

CIRINO, Maria Reilta. **Filosofia com Crianças**: Cenas de experiência em Caicó (RN), Rio de Janeiro (RJ) e La Plata (Argentina). NEFI, 2016.

GOMES, Vanice Dutra. Filosofia com crianças: caminho para o pensar transformador na escola? In: KOHAN, Walter Omar; OLARIETA, Beatriz Fabiana. (Orgs.). **A escola pública aposta no pensamento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 53 – 55.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia para crianças**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

_____; OLARIETA, Beatriz Fabiana. (Orgs.). **A escola pública aposta no pensamento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____; OLARIETA, Beatriz Fabiana; WOZNIAC, Jason. Repensando, com outras vozes, os sentidos do filosofar. In: KOHAN, Walter Omar; OLARIETA, Beatriz Fabiana. (Orgs.). **A escola pública aposta no pensamento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 169 – 239.

LIPMAN, Matthew; SHARP, Ann Margaret; OSCANYAN, Frederick S. **A filosofia na sala de aula**. Tradução de Ana Luiza Fernandes Falcone. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

